



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LÚCIA DE FÁTIMA SILVA DO AMARAL

UMA REVISÃO NARRATIVA ACERCA DA MATERNIDADE ATÍPICA

CAMPINA GRANDE, PB

2024

LÚCIA DE FÁTIMA SILVA DO AMARAL

UMA REVISÃO NARRATIVA ACERCA DA MATERNIDADE ATÍPICA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à coordenação / ao Departamento do Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia.

ORIENTADORA: PROF^a ME. PAMELA DE SOUSA GONZAGA

CAMPINA GRANDE, PB

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A485r Amaral, Lucia de Fatima Silva do.
Uma revisão narrativa acerca da maternidade atípica
[manuscrito] / Lucia de Fatima Silva do Amaral. - 2024.
21 f.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde, 2024.
"Orientação : Prof. Ma. Pamela de Sousa Gonzaga,
Departamento de Psicologia - CCBS".
1. Maternidade atípica. 2. Redes de apoio. 3. Desafio. 4.
Saúde mental. I. Título
21. ed. CDD 155.646 3

LÚCIA DE FÁTIMA SILVA DO AMARAL

UMA REVISÃO NARRATIVA ACERCA DA MATERNIDADE ATÍPICA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à coordenação / ao Departamento de curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Aprovado em: 22/11/2024

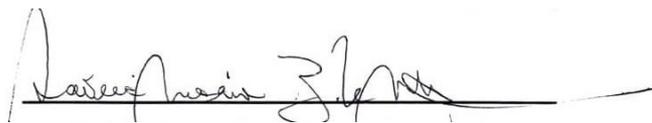
BANCA EXAMINADORA



Profa. Me Pamela de Sousa Gonzaga



Profa. Drª. Livânia Beltrão Tavares



Profa. Drª Laércia Maria Bertulino de Medeiros

À minha mãe, que também como mãe atípica precisou enfrentar desafios, renunciar fases da vida para ofertar o melhor que podia para o desenvolvimento da sua filha.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS - Biblioteca Virtual em Saúde

OMS – Organização Mundial da Saúde

PcD – Pessoa com Deficiência

Scielo - Scientific Electronic Library Online

TEA - Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	MÉTODO	08
3	RESULTADOS E DISCUSSÕES	08
3.1	MATERNIDADE ATÍPICA	10
3.2	SAÚDE MENTAL MATERNA	11
3.3	REDES DE APOIO/ACOLHIMENTO	12
3.4	A PERSPECTIVA DO GÊNERO A PARTIR DO PROCESSO DO “CUIDAR”	13
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
	REFERÊNCIAS	

UMA REVISÃO NARRATIVA ACERCA DA MATERNIDADE ATÍPICA

Lúcia de Fátima Silva do Amaral¹

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão narrativa visando conhecer e refletir de forma abrangente a maternidade atípica, buscando identificar como as publicações abordam as vivências destas mães e quais temáticas estão sendo mais debatidas. As buscas aconteceram nos bancos de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e Capes, resultando em 210 artigos, dos quais 8 se enquadraram nos critérios de avaliação. Diante dessa revisão bibliográfica foi possível entender que o tema “maternidade atípica” ainda passa por algumas restrições no âmbito de pesquisas científicas, e que dentro da temática há eixos que têm maior prevalência de discussões como é o caso das redes de apoio/acolhimento e o gênero diante da perspectiva do “cuidar”. Além disso, destaca-se a escassez de estudos focados na saúde mental dessas mães.

Palavras-Chave: maternidade atípica; redes de apoio; desafios; saúde mental

ABSTRACT

The present study aims to carry out a narrative review aiming to understand and comprehensively reflect on atypical motherhood, seeking to identify how publications address the experiences of these mothers and which themes are being most debated. The searches took place in the Scielo (Scientific Electronic Library Online), BVS (Virtual Health Library) and Capes databases, resulting in 210 articles, of which 8 met the evaluation criteria. In view of this bibliographical review, it was possible to understand that the topic “atypical motherhood” still faces some restrictions in the scope of scientific research, and that within the theme there are axes that have a greater prevalence of discussions, such as support/welcome networks and the gender from the perspective of “caring”. Furthermore, there is a lack of studies focused on the mental health of these mothers.

Keywords: atypical motherhood; support networks; challenges; mental health

1 INTRODUÇÃO

Comumente percebemos um processo de romantização da maternidade, que foi vista por muitos anos como uma das fases mais sonhadas e idealizadas

¹Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus I. Endereço eletrônico: lucia.amaral@aluno.uepb.edu.br

por algumas mulheres. Com a chegada da mulher ao mercado de trabalho esse sonho foi ficando de lado e outras prioridades foram surgindo e ocupando espaço. Historicamente a mulher sempre assumiu o papel de zelar, cuidar, e conseqüentemente essas funções se interligavam com o ser mãe (Campos e Matta, 2007). Mesmo cientes das transformações físicas, emocionais e hormonais que acontecem ao longo da gestação, elas esperam, muitas ansiosas, pela chegada do(a) seu(a) bebê.

Porém, essa realidade idealizada pode tomar rumos diferentes quando nessa fase surge algo inesperado, um diagnóstico. Aparece também o medo da perda, a insegurança, a incerteza de um futuro, um turbilhão de perguntas, dúvidas e questionamentos: e agora o que vai acontecer? Merleau-Ponty (2011), afirma que a consciência reflete seus sentidos num corpo vivido. Essa mulher-mãe precisará ser acolhida, amparada. Ela estará suscetível a alterações de humor, sentimento de tristeza e culpa, depressão e outras possíveis alterações psicológicas. Quando falamos de acolhimento não é apenas no momento do diagnóstico, mas sim no decorrer do seu dia a dia, das jornadas que ela enfrentará.

Não podemos mensurar as lutas e desafios que essas mães enfrentam no seu cotidiano. As idas e vindas de consultas médicas, tratamentos, em alguns casos específicos cirurgia, e uma incansável busca pela inclusão. Até agora estamos abordando a experiência de uma mãe, mas há um detalhe que precisa ser colocado em destaque: ela é mãe, mas também é uma mulher. Mulher assim como outras, de sentimentos, dores, sonhos e desejos. Em alguns casos a mãe atípica é aquela mulher que se sobrecarrega, que se doa o tempo todo para que seu(a) filho(a) se desenvolva de todas as maneiras possíveis, respeitando a individualidade de cada criança, porém acaba se deixando de lado e comprometendo sua saúde mental.

Principalmente, em casos de famílias de crianças com necessidades educacionais especiais (NEE), as mães normalmente são as que assumem a total responsabilidade pelos cuidados com os filhos, sendo que muitas vezes abdicam das suas atividades pessoais e

profissionais para se dedicarem exclusivamente à família.
(MARTINS; PIRES, 2008, p. 322).

Diante disso, através de uma revisão narrativa, este artigo objetivou refletir e conhecer de forma abrangente a maternidade atípica, buscando identificar como as publicações abordam as vivências destas mães e quais temáticas têm sido mais discutidas.

2 MÉTODO

Foi realizada uma revisão narrativa, na qual foi possível encontrar artigos que discutiam a maternidade atípica de forma ampla, sem restringir a alguma condição ou diagnóstico específico. Esse tipo de pesquisa permite uma visão geral do conteúdo abordado, porém as fontes de informação nunca se esgotarão, isso porque o intuito maior é de perceber as atualizações acerca da temática (Cavalcante; Oliveira, 2020).

Embora este tipo de revisão não exija uma sistematização mais rígida, para construção das reflexões propostas neste artigo, foram utilizados os seguintes descritores “maternidade atípica”, “mães com filhos deficientes” e “filhos deficientes” nos bancos de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e Periódicos Capes. A partir dos resultados foram selecionados artigos que através do título e do resumo correspondiam aos objetivos propostos, tentando buscar estudos que não se restringissem a uma condição específica dos filhos. Foi possível perceber uma certa limitação neste aspecto, pois ao selecionar artigos que correspondiam ao tema central, era comum a pesquisa correlacionar a maternidade atípica a algum transtorno específico como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou a uma condição como no caso do Zika Vírus. No total foram selecionados 8 artigos que serviram de base.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segue abaixo uma tabela ilustrativa dos artigos selecionados e suas respectivas temáticas.

RELAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS E SUAS TEMÁTICAS

ARTIGOS	TEMÁTICA
“Maternidade atípica: termo e conceito” (Viana; Benincasa, 2023)	Maternidade atípica
“Maternidade atípica e a necessidade da dupla proteção pelos direitos humanos” (Souza, 2022)	
“Maternidade atípica: caracterização do sofrimento e seus Enfrentamentos” (Pastorelli; Viana; Benincasa, 2024)	Saúde mental materna Rede de apoio/acolhimento
“Qualidade de vida de cuidadores de pessoas com necessidades especiais” (Bracciali; Bagagi; Sankako; Araújo, 2012)	Rede de apoio/acolhimento
“Vivências do dia a dia de pais com filhos deficientes” (Martins; Couto, 2014)	Rede de apoio/acolhimento
“Configurações do ativismo da parentalidade atípica na deficiência e cronicidade” (Moreira, 2022)	Gênero no processo de cuidar de filhos com deficiência
“As representações sociais da maternidade para mães de filhos/as com deficiência” (Crisostomo; Grossi; Souza, 2019)	

<p>“A maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com transtorno do espectro autista” (Bulhões TMP, Bittencourt IGS, Souza EMS, Cavalcanti CMTM, Porto MEA, 2023)</p>	<p>Relatos e vivências</p>
--	----------------------------

Fonte: elaborado pelo autor, 2024

De acordo com as leituras dos arquivos selecionados percebemos uma predominância de algumas temáticas que serão utilizadas como eixo para as nossas discussões. Assim, para uma melhor compreensão os resultados e discussões serão divididos da seguinte forma: Maternidade atípica; Saúde mental materna; Redes de apoio/acolhimento; A perspectiva do gênero a partir do processo do “cuidar”.

3.1 A MATERNIDADE ATÍPICA

Em meio a pesquisa foi se percebendo uma limitação acerca da conceituação “maternidade atípica”, na qual era comum encontrar relatos diários dessa vivência, como também seus enfrentamentos, porém apenas os artigos “Maternidade atípica: termo e conceito” (Viana; Benincasa, 2023) e “Maternidade atípica e a necessidade da dupla proteção pelos direitos humanos” (Souza, 2022) abordaram de forma teórica o assunto. Esse, talvez, seja um dos motivos que justifique as restrições acerca da temática, poucos estudos sobre a contextualização histórica.

A maternidade atípica carrega consigo desafios diários que podem se tornar grandes estressores em qualquer fase da vida. Muitas dessas mães se afastam dos relacionamentos sociais, profissionais e até familiares para cuidar dos(as) seus(as) filhos(as), por isso é importante pensarmos com cautela em ações que promovam uma melhor qualidade de vida para essas mães, estratégias que possam devolver a elas momentos de comunicação e de trocas de experiência.

A maternidade por si só já é uma fase desafiadora que se desenvolve de uma forma particular para cada mulher. A representação de maternidade para algumas mães é repleta de diversos sentimentos contraditórios, pois, ao mesmo tempo que consideram algo bom, não deixam de destacar as dificuldades da maternidade e as mudanças nos vários aspectos de vida, fato esse que se torna mais evidente no caso de mães de filhos/as com deficiência (Rodrigues et al., 2009). É importante destacar que não se trata de minimizar as lutas e os desafios das demais mães, mas sim proporcionar um olhar acolhedor para aquelas que precisam, frente a experiência do diagnóstico, se dedicar integralmente à vida do filho(a).

Ao longo dos anos, transformações e mudanças positivas foram acontecendo dentro do contexto da inclusão, da realidade da Pessoa com Deficiência (PCD), como também voltada para suas respectivas famílias e/ou responsáveis. Uma dessas mudanças foi a implementação do termo mãe atípica, que surge com o intuito de dar maior foco e visibilidade àquelas mães que têm filhos com algum tipo de deficiência. Estas mães travam batalhas diariamente, muitas ainda durante a gestação, por garantias de direitos, busca ativa por tratamentos adequados e tantas outras pautas importantes que visam uma melhor condição de vida para os seus respectivos filhos (Deslandes, 2018 apud Viana, Cintia Teixeira de Sousa et al., 2023).

3.2 SAÚDE MENTAL MATERNA

Diante de todos os apontamentos sobre a maternidade atípica, dos oito artigos filtrados, apenas um pontua sobre a saúde mental dessas mães, é o artigo intitulado “Maternidade atípica: caracterização do sofrimento e seus Enfrentamentos” (Pastorelli; Viana; Benincasa, 2024). Com isso, ressalta-se a importância de traçarmos questionamentos sobre a saúde mental desta mulher-mãe. É importante destacar que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001), a Saúde Mental é um estado de bem-estar vivido pelo indivíduo, que possibilita o desenvolvimento de suas habilidades pessoais para responder aos desafios da vida e contribuir para a comunidade. Vale ressaltar ainda que o aspecto psicológico e emocional por si só não são suficientes para compreender

esse bem-estar, há ainda os aspectos físicos, o apoio social e as condições de vida. Quando falamos de saúde mental precisamos entender que não estamos fazendo referência a uma área isolada, mas sim um conjunto, o meio que esse indivíduo está inserido.

Falar sobre a saúde mental materna é de grande relevância para profissionais que trabalham com este público, mas falar especificamente dentro do contexto da maternidade atípica exige um olhar transformador, empático, e principalmente acolhedor. Quando falamos transformador não é com a intenção, necessariamente, de querer mudar a realidade material daquela mãe, mas sim de proporcionar a ela lugar de fala, momentos que ela possa ser ouvida, possa dividir seus fardos, compartilhar suas angústias, como também suas vitórias e conquistas.

Pais de crianças com transtornos são mais estressados, apresentam dificuldade em auxiliar seus filhos a se relacionarem intra e interpessoalmente e se envolvem menos nos serviços de saúde mental (Bearman et al., 2022)

3.3 REDES DE APOIO/ACOLHIMENTO

As redes de apoio, ou melhor, a ausência delas foi o tópico bastante discutido nos seguintes artigos: “Maternidade atípica: caracterização do sofrimento e seus enfrentamentos” (Pastorelli; Viana; Benincasa, 2024), “Qualidade de vida de cuidadores de pessoas com necessidades especiais” (Braccialli; Bagagi; Sankako; Araújo, 2012), “Vivências do dia a dia de pais com filhos deficientes” (Martins; Couto, 2014). De fato, é um dos agravantes que mais se destaca, pois quando enfatizamos o cuidado, o acolhimento é porque estes são peças-chaves para auxiliar o indivíduo que está vulnerável, cansado psicologicamente. Para Boff (2000), o cuidado inclui duas significações básicas, intimamente ligadas entre si. A primeira, a atitude de desvelo, de solicitude e de atenção para com o outro. A segunda, de preocupação e de inquietação, porque a pessoa que tem cuidado se sente envolvida e afetivamente ligada ao outro.

A partir do nascimento de um bebê, surge uma nova rotina, uma nova forma de se organizar diante de tudo que precisa ser feito e cumprido, e além

disso, nasce também uma mãe. Muita coisa muda, muitos planos são adiados ou refeitos, mas quando esse filho vem acompanhado de um diagnóstico as mudanças são mais bruscas, a começar pela quebra da idealização do filho perfeito. Essa mãe passa a vivenciar o diagnóstico como um processo de luto, como também o afastamento social e as possíveis mudanças na sua estrutura familiar, podendo ainda assumir o cuidar sozinha (Silva, 2011)

A mulher, enquanto mãe de criança com deficiência, assume paralelamente a esta tarefa o papel de cuidadora integral do filho com deficiência podendo contar – ou não – com uma rede de apoio que a ajuda nas tarefas do itinerário do cuidar, porém, que reforça a posição atual de suporte e delega a responsabilidade maior sobre o filho com deficiência a sua genitora. Cria-se, portanto, uma exigência social relacionada ao cuidado que a mulher, agora mãe, precisa supostamente “cumprir” a sua função previamente determinada pela sociedade contemporânea. (Jesus; Souza, 2023, p. 47).

É nítido que há inúmeras funções, tarefas, desejos e prazeres que uma mãe precisa renunciar para se dedicar ao desenvolvimento do filho atípico. Sem dúvidas é um processo complexo, que evidencia o quanto essas mães precisam de suporte, uma rede de apoio que a compreenda e a acolha. O desgaste da maternidade atípica, a sobrecarga de enfrentar, às vezes, tudo sozinha pode acarretar riscos de adoecimento físico, psicológico, gerando piora na qualidade de vida. Oliveira e Poletto (2015) afirmam que não só as mães, mas os pais de modo geral têm medo e/ou receio de imaginar ou prever a vida, o futuro dos seus filhos sem eles.

A sensação de fragilidade e a percepção da própria finitude gera nos progenitores, a incerteza quanto à sua capacidade de proporcionar conforto, proteção e bem-estar ao filho com deficiência; e, embora fazendo planejamento, se manifesta o temor de deixar vulnerável o ser que, até então, dependia dos seus cuidados (Oliveira; Poletto, 2015, p. 114-115).

3.4 A PERSPECTIVA DO GÊNERO A PARTIR DO PROCESSO DO “CUIDAR”

Falar sobre gênero voltada para a perspectiva do cuidado com os filhos(as) com deficiência é ainda delicado, isso porque a mulher ocupa um lugar de representatividade social, na qual há uma cultura enraizada, que infelizmente, apesar dos avanços culturais ainda perpassa gerações. Se para a mulher/mãe típica o cuidar já se torna exaustivo, imagine para a mãe atípica que é exigido um cuidado mais específico e frequente do(a) filho(a) com deficiência. É por isso que uma grande parcela dessas mães deixam seus respectivos trabalhos, sua vida social para se dedicar integralmente.

A mãe, segundo Barbosa, Chaud e Gomes (2007, p. 51):

[...] vê-se diante da necessidade de deixar o trabalho para atender às demandas de cuidado do filho deficiente [com deficiência], e também devido à dificuldade inicial em lidar com os sentimentos e conflitos vividos. Sente-se incapaz de levar uma vida como tivera antes da chegada do filho e, assim, lança-se às exigências impostas pela situação vivenciada na família e no cuidado dele [...].

Os artigos “Configurações do ativismo da parentalidade atípica na deficiência e cronicidade” (Moreira, 2022), “As representações sociais da maternidade para mães de filhos/as com deficiência” (Crisostomo; Grossi; Souza, 2019) foram utilizados como base desta pesquisa e trazem uma relação mãe-filho que foi sendo construída ao longo do tempo por uma sociedade machista, na qual cabia apenas a mulher o dever de servir. E, infelizmente, isso perpassa até os dias atuais. A mulher ocupa constantemente um papel regido sob pressão, incluindo a de engravidar e gerar um filho perfeito. A descoberta na gestação de um filho/a com alguma deficiência pode trazer efeitos principalmente sobre os sentimentos das mães, levando em conta que é sobre a figura da mulher que acarreta maiores cobranças na relação familiar do

cuidado com os/as filhos/as (Brunhara & Petean, 1999 apud Crisostomo, Kelly Nunes. et al.,2019).

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, foi possível perceber o quanto ainda é limitado os estudos científicos acerca da maternidade atípica, o quanto as buscas ainda relacionam a temática com tipos de transtornos específicos, muitas vezes focando mais em determinadas condições, o que dificulta a compreensão da experiência dessas mães de forma mais abrangente. Porém, diante de tudo isso, as redes de apoio/acolhimento foram um dos eixos mais discutidos dentro da temática dos artigos selecionados. Essas mulheres trazem consigo uma sobrecarga gigantesca tanto dos afazeres domésticos quanto do próprio ato de cuidar dos seus filhos deficientes. Elas acabam renunciando não só o convívio social, o mercado de trabalho, mas também renunciam a si mesmas.

Identificamos também que pouco foi discutido sobre a saúde mental dessas mães. Elas que passam, em alguns casos, pelo diagnóstico ainda durante a gestação, vivem momentos confusos, na qual o seu emocional pode ser afetado. Para Rolim e Canavarro (2001), o processo de luto do/a filho/a idealizado/saudável é semelhante ao processo de luto de qualquer outra perda que pode gerar respostas emocionais específicas como respostas afetivas (sentimentos e emoções como culpa, tristeza, solidão ou raiva), comportamentais (choro, agitação, fadiga), cognitivas (baixa autoestima, falta de concentração ou memória) e fisiológicas (insônias, perda de apetite, queixas somáticas).

Aprofundando um pouco mais, identificamos uma predominância significativa de gênero no processo de cuidar, na sua maioria é a mulher-mãe

que assume a função de cuidadora principal. Está à frente desses cuidados é uma decisão tomada levando em consideração, em alguns casos, a sua própria rotina familiar, como também pelo fato da sociedade enxergar na mulher um lugar de afeto e dedicação.

Com isso, é evidente a necessidade de mais estudos, pesquisas e publicações acerca do tema, isso porque nos bancos de dados ainda existem uma certa limitação. Esse fato reforça que essas mulheres-mães de filhos/as com deficiência precisam ser mais vistas, ser ofertado a elas lugar de fala. Que não apenas a Academia, mas também as instituições, ONG's possam proporcionar espaços e serviços de acolhimento. Que o foco não seja apenas o/a filho/a deficiente, mas também seu contexto familiar.

REFERÊNCIAS

Barbosa, M. A. M., Chaud, M. N., Gomes, M. M. F. (2007). Vivências de mães com um filho deficiente: um estudo fenomenológico. *Acta Paulista Enfermagem*, 21(1), pp. 46-52

Bearman, S. K., Jamison, J. M., Lopez, M. A., Baker, N. M., & Sanchez, J. E. (2022). Testando o impacto de um programa de apoio familiar entregue por pares: um ensaio clínico randomizado de eficácia. *Psychiatric Services*, 73(7), 752-759. <https://doi.org/10.1176/appi.ps.202100278>

Bulhões TMP, Bittencourt IGS, Souza EMS, Cavalcanti CMTM, Porto MEA. A maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com transtorno do espectro autista. *R Pesq Cuid Fundam* [Internet]. 2023 [acesso em: 14 de outubro de 2024]. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.12213>

Braccialli, L. M. P., BAGAGI, P. S.; SANKAKO, A. N.; ARAÚJO, R. C. T. Qualidade de vida de cuidadores de pessoas com necessidades especiais. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.18, n.1, p. 113-126, Jan.-Mar., 2012.

Brasil. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Dispõe sobre a Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF, 2015.

Brunhara, F., & Petean, E. B. L. (1999). Mães e filho especiais: Reações, sentimentos e explicações à deficiência da criança. *Revista Paidéia*, 9(16), 31-40.

Boff, L. Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra. 6 ed. Petropolis: Vozes, 2000.

Cavalcante, Livia Teixeira Canuto; Oliveira, Adélia Augusta Souto de Oliveira. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020

Campos, Mônica Regina de Moraes; MATTA, Gustavo Corrêa. A construção social da família: elementos para o trabalho na atenção básica. In: MOROSINI, Márcia Valéria G. C.; CORBO, Anamaria D'Andrea (Org.). Modelos de atenção e a saúde da família. Rio de Janeiro: ESPJV/FIOCRUZ, 2007. p. 107-150.

Crisostomo, K.N; GROSSI, F.R.S; SOUZA, R.S. As representações sociais da maternidade para mães de filhos/as com deficiência. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 11, n. 3, set./dez. 2019, p. 79-96. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v0i0.608>

Deslandes, SF. O ativismo digital é sua contribuição para a descentralização política. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(10).

Jesus, Matheus Wisdom Pedro de; SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. Experiências maternas sobre o cuidado com o filho com deficiência intelectual na APAE Salvador. *Ideação*, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 39-54, 2023. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/29587>.

Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Martins, L. A. R.; PIRES M. J. Políticas e práticas educacionais inclusivas. Natal: Edufrn, 2008.

Martins, Manuela; COUTO, Ana Paula. Vivências do dia-a-dia de pais com filhos deficientes. *Revista de Enfermagem Referência - IV - n.º 1 - 2014*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12707/RIII1266>

Moreira, Martha Cristina Nunes. Configurações do ativismo da parentalidade atípica na deficiência e cronicidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(10):3939-3948, 2022

Oliveira, Isaura Gisele de; Poletto, Michele. Vivências emocionais de mães e pais de filhos com deficiência. *SPAGESP*, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 102–119, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-

Organização Mundial da Saúde (OMS). Relatório sobre a Saúde no Mundo 2001: Saúde Mental: Nova Concepção, Nova Esperança. 2001

Pastorelli, S. de O. S., Viana, C. T. de S., & Benicasa, M. G. (2024). Maternidade atípica: caracterização do sofrimento e seus enfrentamentos. *Revista Acadêmica Online* , 10(50), 1–21. <https://doi.org/10.36238/2359-5787.2024.v10n50.6>

Rodrigues, D. P., Rodrigues, F. R. A., Silva, L. M. S., Jorge, M. S. B., & Vasconcelos, L. D. G. P. (2009). O adolecer e ser mãe: Representações sociais de puérperas adolescentes. *Cogitare Enfermagem*, 14(3), 455-462

Silva, Erineusa Maria da; Bernardes, Rafaela; Chicon, José Francisco; Oliveira, Ivone Martins de; Sá, Maria das Graças Carvalho Silva de. Ser mulher cuidadora de pessoas com deficiência à luz da categoria gênero: reflexões a partir de um projeto de ensino/pesquisa/extensão no campo da educação física *Educación Física y Ciencia*, vol. 21, núm. 1, 2019

Souza, Sueine Patricia Cunha de. Maternidade atípica e a necessidade de dupla proteção pelos direitos humanos. *BOLETIM CEPGE*, São Paulo, v. 46, n. 6, p. 104-123 novembro/dezembro 2022

VIANA, Cintia Teixeira de Sousa; Benicasa, Miria. MATERNIDADE ATÍPICA: TERMO E CONCEITO. *Revista Acadêmica Online* , [S. l.], v. 9, n. 46, 2023.

Disponível em:
<https://revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/299>. Acesso em:
3 out. 2024.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, Pai todo Poderoso, fonte de toda sabedoria, luz, paz e amor. Aquele que esteve sempre ao meu lado em todas as horas, tanto nas fáceis como nas provações, foi ele quem me deu forças para seguir em frente e chegar até aqui.

Aos meus pais e demais familiares pelo amor, carinho, apoio e compreensão, e de modo especial ao meu paizinho Francisco (*in memoria*) que tanto me ensinou a ser uma pessoa humilde de coração, responsável, batalhadora e que a cada coisa que eu fizesse desse o melhor de mim. Hoje eu tenho a certeza que se ele estivesse entre nós esse momento estaria muito orgulhoso.

Agradeço também a minha mãezinha Fátima, a pessoa que esteve sempre ao meu lado durante esses cinco anos, me incentivando na caminhada da vida acadêmica. Quando muitas vezes eu me perdia em meus pensamentos era ela quem me colocava no caminho certo a seguir.

Ao meu namorado Paul Christian, que com paciência e apoio esteve ao meu lado nesse último ano de curso.

À professora Pamela, nobre orientadora, pessoa de extrema responsabilidade, atenção, que muito me escutou e que esteve presente na maioria dos períodos semestrais da graduação.

A todos os professores do curso de Psicologia que muito me ensinaram durante esses cinco anos, cada um com seu jeito particular de ser.

Aos colegas de classe que por cinco anos formaram a nossa segunda família, por estarmos juntos todos os dias passando por dificuldades, erros,

desilusões, mas também por muitas alegrias, risadas, vitórias, encontros e entre outros momentos que ficarão marcados para sempre.

E aos amigos e parentes pelo apoio, compreensão, atenção e presença.

